

O FECHAMENTO DO PERISTILO DO TEMPLO CLÁSSICO DE ATENA E SUA REUTILIZAÇÃO COMO TEMPLO CRISTÃO DEDICADO A MARIA

Luciano Coutinho¹

Resumo

Muitos templos clássicos dedicados a Atena foram, nos primeiros séculos da Idade Média, adaptados e transformados em templos cristãos, dedicados a Maria. Para tanto, o peristilo do templo clássico é fechado, e o templo perde sua abertura para a realidade externa. O templo cristão torna-se essencialmente um espaço de convivência, e os fiéis passam a praticar seus cultos na parte interior do templo. A realidade externa ao templo é condenada a um tipo de não-realidade, e apenas a realidade interna, sustentada pela estética cristã, é fundamentada como única realidade possível para a purificação do fiel. Nesta realidade estética, a amamentação de Maria ao menino Jesus torna-se modelo de nutrição da alma para a preparação do fiel em sua vida no espaço de não-realidade, e também para o merecimento para a eternidade da alma.

Palavras-chave: Templo Clássico; Peristilo; Templo Cristão; Realidade e Não-Realidade.

Abstract

In the first centuries of the Middle Age many classical temples dedicated to Athena were adapted and transformed into Christian temples dedicated to Mary. Therefore, the peristyle of the classical temple is closed and the temple lost its openness to external reality. The Christian temple essentially becomes a living space where the faithful practice their rituals inside the temple. The reality outside the temple is condemned to be a type of non-reality, and it is only the internal reality, supported by Christian aesthetic, that is substantiated as the only possible reality for the purification of the faithful. In this aesthetic reality, the nursing of baby Jesus by Maria becomes a model of nutrition of the soul for the preparation of the faithful in his life and in the space of his non-reality, and also for the merit for the eternity of the soul.

Keywords: Classical Temple; Peristyle; Christian Temple; Reality and Non-Reality

¹ Luciano Coutinho é Doutor em Estudos Clássicos / Filosofia Antiga pela Universidade de Coimbra - UC, Portugal, com bolsa CAPES para Doutorado Pleno no Exterior. Mestre em Arquitetura e Urbanismo (com ênfase em Estética e Semiótica) pela Universidade de Brasília, UnB – Brasil.

APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA

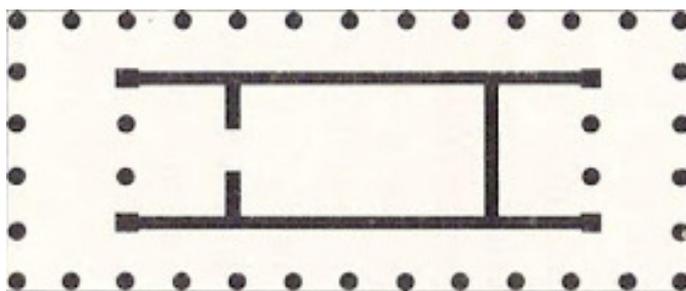
Muitos templos da Grécia clássica dedicados a deusa Atena foram adaptados e transformados em templos cristãos dedicados a Maria em princípios da Idade Média. A realidade dos rituais cristãos exigiam um outro tipo de utilização do espaço interno do templo sacro. Nesse sentido, alguns templos clássicos tiveram seus peristilos² fechados para o convívio ritual dos fiéis no interior do templo. A cela³, conseqüentemente, era destruída ou dividida em capelas.

A proposta para a transformação do templo clássico em templo cristão perpassa pela ideia de fazer o fiel ter como modelo a realidade estética apresentada no interior do templo, e, com isso, vivenciar um tipo de relativo afastamento do modelo de vida sugerido na realidade externa ao templo. O templo – agora cristão – seria o fundamento de uma realidade elevada, em detrimento da não-realidade e da não-existência da realidade externa ao templo.

Uma solução relativamente simples e prática encontrada pelos cristãos foi o fechamento⁴ do peristilo de alguns templos clássicos. O que era antes ritualizado no exterior do templo pagão passou a ser ritualizado no interior do templo. Esta adaptação arquitetônica, no entanto, revela mais que uma mera adaptação prática: indica a separação dicotômica entre realidade externa e realidade interna, além de um tipo de sustentação de uma vida psíquica fundamentada por uma realidade elevada, proposta pela estética apresentada no interior do templo.

Enquanto o templo clássico caracteriza-se pela abertura do peristilo à realidade externa – indicando uma psicologia humana voltada para a tentativa de conciliação do homem com a realidade externa –, o seu fechamento, na adaptação cristã, indica um litígio entre o

² Conforme se observa no projeto a seguir, o peristilo é o conjunto de colunas que delimitam o templo:



³ Conforme se observa no projeto acima, a cela é a parte murada no interior do templo, cercada pelo peristilo.

⁴ Este tema foi tratado pela primeira vez por Coutinho (2010).

homem e a realidade externa. É diante deste litígio que é possível perceber uma psicologia humana baseada na ideia de que a alma deve se reconciliar com instâncias metafísicas, segundo um modelo existencial apresentado no interior do templo. Esta difícil tarefa da alma de reconciliar-se com instâncias metafísicas em meio a uma vida física torna-se o modelo basilar para uma vida no caminho da verdadeira existência.⁵

A ABERTURA DO ESPAÇO SACRO CLÁSSICO E A CONCILIAÇÃO COM A NATUREZA

Vitruvius (I a.C) defende a harmonia dos templos clássicos como um modelo de racionalização antropomórfica da natureza.⁶ Esta racionalização, no entanto, significa mais que uma tentativa de dominação da natureza, significa antes uma tentativa de conciliação do homem com a natureza.⁷ Essa tentativa de conciliação pode ser vista mais facilmente em outros recantos da arte⁸, e é importante tê-la em conta para não perder suas representações no espaço arquitetônico.

Pela abertura do peristilo nos templos clássicos, observa-se a possibilidade que o culto oferece aos fiéis de se colocarem diante da tensa união entre razão e forças instintivas.

⁵ Essa visão de bipartição de realidade presente nas bases iniciais do Cristianismo é enraizada por Agostinho, que, a partir da noção criacionista, sustenta a criação divina de todas as coisas físicas e metafísicas (2004: 347). A alma, nesse sentido, “sob a ação da carne”, distancia-se do bem puro (2004: 63-65), ou melhor, das coisas metafísicas. É nesse sentido que a realidade apresentada no interior dos templos passa a ser o modelo verossímil de existência, porque aproxima a alma do fiel às verdades metafísicas.

⁶ No *De Architectura*, Vitruvius relaciona as proporções do corpo humano com as proporções do templo clássico; cf. Livro III. No livro IV, Vitruvius chega a estabelecer semelhança entre o padrão estético que define o estilo Dórico com a postura varonil de um homem (Livro IV, Cap. I, 8), o Jônico com a delicadeza da forma feminina (Livro IV, Cap. I, 9), e o Coríntio com a postura esbelta de uma donzela (Livro IV, Cap. I, 14).

⁷ Se compararmos a origem do cosmos hesiódica, que muito influenciou o período clássico grego, com a origem cósmica do *Gênesis*, que influenciou os princípios cristãos, temos duas posturas filosóficas bem distintas diante da natureza: na primeira, tem-se uma organização do Caos; no segundo, tem-se uma criação a partir do nada. Para a tradição grega, o cosmos é caótico e precisa ser (re)organizado, o homem é parte integrante da natureza. Para a tradição cristã, que adota o *Gênesis* judaico, o homem é um ente misto, que apresenta duas partes: uma física, inferior; outra metafísica, elevada. A parte elevada, a alma, precisa reconciliar-se com Deus e, para isso, é preciso sacrificar-se diante da natureza física.

⁸ A esse respeito, as tragédias gregas são um exemplo de que a razão humana não deve negar as intempéries da natureza, mas antes busca compreendê-las e conciliar-se com elas. Sófocles dá uma prova dessa questão nos últimos três versos do *Édipo Rei*: “Assim, aos olhos dos mortais que esperam ver o dia derradeiro, ninguém pareça ser feliz, até passar o termo da vida, isento de dor” (*ὥστε θνητὸν ὄντ' ἐκείνην τὴν τελευταίαν ἰδεῖν / ἡμέραν ἐπισκοποῦντα μηδέν' ἀλβίζειν, πρὶν ἂν / τέρμα τοῦ βίου περάσῃ μηδέν ἀλγεινὸν παθῶν*) (vv. 1528-1530; trad. de FIALHO 2014).

Afinal, a realidade do templo não busca negar a realidade externa ao templo, mas antes conciliar-se com ela, criando uma tensão entre a razão e os instintos da natureza. Essa prática tende a fundamentar uma psicologia que busca conciliar o homem com sua natureza racional e instintiva.

O templo clássico é, sem dúvida, uma racionalização estética da crença grega, mas sua abertura, por meio do peristilo, determina a aproximação das realidades interna e externa⁹, possibilitando a antagonia da relação entre razão e forças instintivas não como um sacrifício e sim como uma conciliação necessária.

Assim, é possível afirmar, que, na medida em que assume um papel harmonizador, o peristilo propicia uma antagonia positiva, ou seja, o culto evidencia a comunhão, mesmo que tensa, entre razão e forças instintivas, e, assim, sustenta uma psicologia voltada para o posicionamento do homem na realidade externa ao templo. É com o peristilo que a templo clássico explicita sua intenção de equilíbrio entre razão e forças instintivas, tornando a experiência ritual uma tentativa de conciliação de muitas possibilidades com o real.

A tentativa de Nietzsche¹⁰ em caracterizar o espírito grego como dionisíaco-apolíneo pretende demonstrar como esse povo teria vivido em busca da liberdade espiritual em meio a uma ordem harmônica racionalista. No entanto, ao afirmar que “o grego dionisíaco tinha necessidade de se tornar apolíneo”, quebrando “sua vontade descomunal, múltipla, incerta, assustadora, em uma vontade de medida, de simplicidade, de ordenação à regra e conceito” (NIETZSCHE 2005: 445-446) demonstra o reducionismo que o filósofo faz da tensão própria do espírito grego. Contrariando em partes o que diz Nietzsche, a tensão entre abertura e fechamento do espaço sacro demonstra a tentativa de conciliação entre razão e inquietação do estado instintivo e não sua negação, ou como sugere Nietzsche, sua eliminação.

O Parthenon¹¹, na acrópole de Atenas, é um bom exemplo de um templo dedicado a deusa Atena. Nele, além das tensões já mencionadas presentes nos traços estéticos de um templo clássico, presentifica-se ainda a simbologia da deusa a quem o templo é dedicado.

⁹ Cf. Kostof, que faz uma boa consideração entre a relação do ritual ao ar livre: “También en términos religiosos, la pantalla del peristilo era preeminente. La estatua de culto de la cella se vislumbraría a través de las puertas abiertas durante las observancias religiosas importantes. El trato diario con la divinidad tenía lugar al aire libre. En el nivel de la terraza, el templo estaba rodeado de estatuas, la mayoría de ellas humanas: eran imágenes de tamaño natural de jóvenes desnudos y mujeres vestidas colocadas por sus ciudades como conmemoración de sus excelencias especiales” (KOSTOF 1996: 226).

¹⁰ Cf. Nietzsche (2005: 445-446).

¹¹ παρθενών.

Mais importante e bem posicionado que o próprio templo dedicado a Zeus, o Parthenon assume a simbologia que sua deusa representa: a personificação do espírito inteligente¹² e do espírito de guerra¹³. Atena é o perfeito exemplo da conciliação presente nessa psicologia típica do iluminismo clássico, que Péricles empreendeu para substituir um antigo templo destruído na invasão dos persas em 480 a.C.

O projeto é dos arquitetos Calícrates e Ictinos. As esculturas e a supervisão do escultor Fídias. Entre 447a.C. e 433a.C., tanto o projeto arquitetônico quanto as esculturas estavam prontas. Péricles, mais que promover a reconstrução do antigo templo, iniciou uma obra que seria um marco histórico para uma ideia de democracia duradoura. E Atena era a deusa que melhor representava esta simbologia, já que Atenas era uma cidade que buscava guerrear não pela brutalidade, mas pela inteligência. Isto, é claro, sem idealizar a *polis*.



(Parthenon, acrópole de Atenas, Grécia)

Parthenon significa “sala de mulher solteira”, e embora não claramente também remete à ideia de “donzela” e “virgem”¹⁴. A partir disso, é possível traçar uma leitura da

¹² A ajuda que Atena dá a Ulisses e a Hércules, por exemplo, torna-a símbolo de deusa da razão, e sua capacidade inteligente de articulação leva-a a ser associada à filosofia, mais que à poesia e à música; cf. (GRIMAL 2005: 53).

¹³ Grimal apresenta-a como “deusa guerreira” que já nasce “completamente armada”; cf. (GRIMAL 2005: 53).

¹⁴ Cf. Liddell & Scott.

significação do templo mais importante de Atenas. Parthenon seria um equivalente ao templo da virgem. Em outras palavras, além de símbolo da guerra e da inteligência, Atena era também símbolo da pureza e da virgindade.¹⁵

Apesar de o Parthenon ter gozado da fama de ser o templo dórico mais “refinado” (KIDSON 2000: 56-65) e de ter uma relativa suavidade não encontrada em outros templos dóricos de sua época, ele mantém duas de suas principais características: força e intensidade. Somado a tais características, a deusa da guerra e da inteligência, Atena, oferece à simbologia do espaço sacro ainda sua pureza e virgindade representada na tradição.¹⁶ Isto lança alguma luz à questão de templos dedicados a Atena terem sido adaptados e transformados em templos cristãos, dedicados a Maria. O próprio Parthenon é exemplo disso.

O FECHAMENTO DO PERISTILO DE TEMPLOS CLÁSSICOS

Muitos espaços clássicos gregos dedicados a deusa Atena foram transformados em templos cristãos, dedicado a Maria mãe de Jesus. Os templos pagãos, que utilizavam tanto o espaço interno da cela quanto a projeção para o espaço externo possibilitada pelo peristilo, têm a cela e o peristilo adaptados. Esta adaptação consiste no fechamento do peristilo e na destruição ou divisão da cela. Com isso, o templo é transformado, ele todo, em um único espaço interno.

O fechamento do peristilo indica, nesse sentido, mais que uma adaptação para a interiorização do culto. Indica antes a fundamentação de uma realidade distinta daquela experienciada no espaço exterior ao templo. A realidade interna, que se apresenta mais elevada, torna-se um tipo de alegoria de tabernáculo ou arca da purificação. A realidade externa passa a ser um tipo de não-realidade, de não-existência, e apenas a realidade interna seria um modelo verossímil para o caminho da purificação.

¹⁵ A imagem da virgindade de Atena é interessante e vale segui-la nas palavras de Grimal: “Atena permaneceu virgem, conta-se, todavia, que teve um filho, do seguinte modo: ela fora visitar Hefesto à sua forja, a fim de se prover de armas. O deus, abandonado por Afrodite, apaixonou-se por Atena, logo que a viu, e começou a persegui-la. Ela fugiu. Ainda que coxo, Hefesto logrou alcançá-la e tomou-a em seus braços, mas ela não cedeu. Todavia, no seu desejo, Hefesto molhou a perna da deusa. Enojada, a deusa limpou-se com lã e lançou à terra a sujidade. Foi da terra assim fecundada que nasceu Erictónio, que a deusa considera como seu filho” (GRIMAL 2005: 53-54).

¹⁶ Cf. na *Teogonia*, de Hesíodo, a referência direta à virgindade da deusa: “Atena de olhos glaucos virgem de Zeus porta-égide” (*κούρην τ' ἀήλοχοιο Διὸς γλαυκῶπιν Ἀθήνην*) (Hes. *Thg.* v. 13).

Atena, deusa da guerra e da inteligência e também representante da pureza e da virgindade, oferece às bases do cristianismo dos primeiros séculos uma simbologia bastante relevante para a mãe do menino Jesus. Pode-se dizer, portanto, que a preferência em adaptar templos dedicados a essa deusa a templos cristãos dedicados à Maria viria da ideia da força, do combate inteligente contra o inimigo, além da ideia de pureza e virgindade que Atena simboliza.

Maria é considerada “mãe de Deus”, em definitivo, no Concílio de Éfeso em 431d.C..¹⁷ Mãe que protege, que amamenta e nutre com seus seios o menino Jesus.¹⁸ Jesus torna-se a própria imagem do menino nutrido, forte, que está apto a enfrentar os males e a restaurar o cosmos.¹⁹

Na tentativa de significar a libertação do homem do mundo externo pecaminoso, Maria se torna temática basilar do templo transformado. A batalha contra tudo que é mundano, exige, de tal maneira, força, inteligência e pureza. Maria, a mãe do menino Jesus, assume essa simbologia e é ampliada a *status* de mãe de todos. Maria, portanto, representa no cristianismo dos primeiros séculos a nutrição necessária para que seus filhos enfrentem as dificuldades da não-realidade do espaço externo ao templo. O espaço sacro fechado em totalidade assume, alegoricamente, a analogia da realidade elevada, em que o fiel pode buscar força, inteligência e purificação.

Um exemplo esteticamente fascinante de transformação de templo pagão em templo cristão é a atual Catedral de Siracusa, na Sicília – Itália. As pilastras, até hoje bastante conservadas, evidenciam o fechamento do templo clássico.

¹⁷ No Concílio de Éfeso, em 431d.C., Maria passa a ser considerada a mãe de Deus. Isso passa a influenciar toda forma religiosa posterior, sobretudo na transformação de templos pagãos dedicados a deusa Atena em templos cristãos dedicados a Maria, mãe de Jesus. Cf. a contenda entre Nestório de Constantinopla e Cirilo de Alexandria: o primeiro defendia que Cristo tinha duas naturezas (uma humana e outra divina) e conseqüentemente defendia que Maria não era mãe de Deus, mas do homem; o segundo, ao contrário, é defensor de que Maria é mãe de Deus, e consegue defender sua tese perante os presentes, tornando a tese de Nestório pura heresia.

¹⁸ O discurso de Cirilo, patriarca de Alexandria, no Concílio de Éfeso, deixa clara a versão oficial acerca da mãe de Deus que nutre em seu seio o menino Deus: “Salve, ó Maria, Mãe de Deus, virgem e mãe, estrela e vaso de eleição! Salve, Maria, virgem, mãe e serva: virgem, na verdade, por virtude daquele que nasceu de ti; mãe por virtude daquele que cobriste com panos e nutriste em teu seio (...) Salve, Maria, morada da infinitude, que encerraste em teu seio o Deus infinito, o Verbo unigênito, produzindo sem arado e sem semente a espiga incorruptível! Salve, Maria, mãe de Deus”; cf. (GOMES 1979).

¹⁹ Ainda no discurso de Cirilo, no Concílio de Éfeso, fica evidente que Jesus, nutrido por Maria, será o vencedor da morte e o destruidor do inferno: “Maria, Mãe de Deus, por quem veio ao mundo o vencedor da morte e o destruidor do inferno!”; cf. (GOMES 1979).



(Catedral de Siracusa – Siracusa, Itália)

Executada no século V a.C., o templo dedicado a Atena foi construído na parte mais elevada da ilha de Ortigia. Sua estrutura dórica foi adaptada à natividade de Maria no século VI d.C..²⁰ A adaptação do peristilo, em um tipo de cela, causaria ao espaço a garantia de uma realidade que se pretende separar-se da não-realidade²¹ do espaço externo. E Maria e a nutrição do menino Deus passariam a ser o modelo verossímil de realidade.

Um outro exemplo muito importante de adaptação de um templo de Atena em templo cristão é a Igreja Santa Maria dos Gregos.²²

²⁰ A Catedral de Siracusa foi “dedicata alla natività di Maria, sorge su sito del preesistente tempio di Atena, di cui conserva numerosi elementi. Alla fine del VI secolo d.C. il grandioso edificio greco fu trasformato in basilica cristiana e alla metà del secolo successivo accolse la cattedrale” (CONVERSO s/d: 18)

²¹ Cf. nota de rodapé 3; Agostinho já no século IV tinha estabelecido para os dogmas do cristianismo uma bipartição do mundo, em que a realidade última é aquela ligada às coisas de Deus, e a vida corruptível da carne era um tipo de não-realidade.

²² Políbio, em suas *Histórias*, parece se referir ao templo que foi a base para a atual *Chiesa Santa Maria dei Greci*, ao mencionar sua posição em Agrigento, mas além disso menciona também que o templo é dedicado a Atena e a Zeus: “No topo fica o templo de Atena e de Zeus Atabyrius” (*ἐπὶ δὲ τῆς κορυφῆς Ἀθηνᾶς ἕρδον ἔκτισται καὶ Διὸς Ἀταβορίου*) (Plb. *Hist.* 9, 27, 7, 1-2).



(Igreja S. Maria dei Greci – Agrigento, Itália)

A começar pelo nome da Igreja, é notória a confluência cultural entre simbologia pagã e simbologia cristã: Maria, mãe de Deus, assume um templo de Atena, deusa dos gregos, e torna-se agora, ela própria, grega. Dito de outra forma: mãe dos gregos também.

A Igreja de Santa Maria dos gregos teve sua base na fundação do templo de Atena, construído mais ou menos em 480 a.C.. O templo original tinha, aproximadamente, uma largura de 15 metros e profundidade de 34 metros, embora somente uma parte dessa dimensão tenha sido utilizada para os fins cristãos em seus primeiros séculos de domínio. O templo, que também foi catedral greco-ortodoxa no período bizantino, tornou-se catedral católica no século XII. Nas paredes, foram conservados alguns afrescos que têm como tema Maria a amamentar o menino Jesus conforme se observa a seguir.



(Igreja S. Maria dei Greci – Agrigento, Itália)

Celebrada pelos anjos, Maria representa a celebração da vida e da nutrição do menino Deus na Terra. E, assim como Atena, representa a batalha racional e inteligente contra as intempéries da natureza. No entanto, enquanto Atena representa a conciliação do humano com as intempéries da natureza, a nutrição de Maria representa o litígio do humano com a não-realidade externa ao templo. Seu leite é símbolo da preparação do menino Deus para enfrentar os males da vida física, que seria um tipo de não-realidade por estar distanciada das verdades metafísicas. O sofrimento seguido de uma morte dura e cruel é seu sacrifício. Sacrifício enfrentado pela força que o nutriu. Maria, sua mãe, é, nesse sentido, símbolo da nutrição da alma, uma vez que nutre o menino Deus para cumprir seu desígnio.

A imagem do leite que amamenta o menino no templo pretende abranger, de tal maneira, os fiéis.²³ Estes, assim como o menino Jesus, deveriam nutrir-se com esta mesma

²³ Na passagem “Ah, se fôsses meu irmão, / amamentado ao seio de minha mãe! / Então, encontrando-te fora, poderia beijar-te / sem que ninguém me censurasse. / Eu te levaria, far-te-ia entrar na casa de minha mãe” (*Cant.* 8, 1), a ideia de amamentação acolhe a noção de irmandade àqueles que compartilham do leite da mãe. Isto inspirou um intertexto com Jesus e Maria no *Novo Testamento*, conforme se lê em *Lucas* o grito de uma mulher na multidão ao dirigir-se a Jesus: “Bem-aventurado o ventre que te trouxe, e os peitos que te amamentaram!” (*Luc.* 11, 27). Como réplica ao grito da mulher, Jesus diz: “Antes bem-aventurado aqueles que ouvem a palavra de Deus e a observam!” (*Luc.* 11, 27). Nesta última passagem, pretende-se demonstrar que a nutrição verdadeira é aquela que se dá pela alma e não pelo leite físico. Esta não é uma negação da importância de Maria, mas antes a conversão da ideia de que a nutrição maior dá-se pela alma. A amamentação, nesse viés, torna-se metafísica. Nessa linha, um importante Doutor da Igreja no século XVII, Alfonso Maria de Liguori, lembra muito bem que para Agostinho, século IV, “O vosso leite é Cristo” (*Lac vestrum Christus est*)” (Alfonso, 1835, p. 347). Ou seja, Jesus é o caminho para a nutrição da alma, já que teria vindo dentre os homens para trazer a palavra do Deus Pai (Yahweh), e aquele que a ouve é bem-aventurado.

realidade, para enfrentar a experiência humana na não-realidade fora do templo. Ou seja, o fiel, tanto quanto o menino Deus, é homem e experiencia os males da não-realidade externa ao templo. E também, assim como o menino Deus, deve se preparar para o sofrimento e para a morte na não-realidade. Só desta maneira, purificar-se-á para alcançar a eternidade da alma, também como o menino Deus. Mas isto só é possível quando o homem se nutre com as verdades representadas esteticamente no interior do templo.

O espaço fechado, nesse sentido, torna o discurso interno o único modelo possível de realidade, uma vez que a não-realidade externa baseia-se em questões ligadas à carnalidade. Apenas preparando-se para o sacrifício da não-realidade externa²⁴, é possível preparar-se para o merecimento da verdadeira realidade existencial: aquela anunciada no interior do templo. O templo passa a ser um tipo de nave de nutrição e purificação para esta realidade superior, e o fiel passa a assumir, nessa perspectiva, similaridade com o menino Deus. Por isso a realidade interna é o modelo que o fiel precisa seguir para suportar o sacrifício da não-realidade e da não-existência na realidade externa ao templo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O templo cristão dedicado à natividade de Maria, portanto, representa um tipo de nutrição da alma. O menino Jesus passa a simbolizar o modelo de preparação para a realidade sacrificial, uma vez nutrido pela pureza do leite de Maria. Em outros termos, o interior do templo fundamenta uma realidade diferente daquela vivenciada na parte externa ao templo. Ao fiel cabe preparar-se segundo o modelo do próprio menino Jesus representado no interior do templo, para nutrir-se desta realidade e atravessar a vida da não-realidade presente na parte externa ao templo com um maior estado de purificação possível. Dessa maneira, o fiel, assim como Jesus, mereceria ganhar o reino dos céus.

²⁴ Cf, na nota 3, a referência de Agostinho ao distanciamento que a carne traz à alma. Este é um dos argumentos mais fortes na Idade Média para a fundamentação de uma vida de sacrifício carnal. Por consequência, a ideia de sacrifício leva à uma vida modelada pela realidade apresentada esteticamente no interior do templo cristão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes Primárias

AGOSTINHO. *Confissões*. Trad. J. Oliveira Santos & A. Ambrósio de Pina. Nova Cultural, São Paulo 2004.

ANÔNIMO. *Torá – A lei de Moisés*. Trad. Meir Matzliah Melamed. Sêfer, São Paulo, 2001.

HESÍODO. *Teogonia – A origem dos deuses*. Trad. Jaa Torrano. Iluminuras, São Paulo, 2009.

POLYBIUS. *Historiae*. Theodorus Büttner-Wobst after L. Dindorf. Teubner, Leipzig, 1893. (on Perseus digital library).

SÓFOCLES. *Rei Édipo*. Trad. de Maria do Céu Zambujo Fialho. Lisboa, Edições 70, 2014.

VITRUVIO, Polión. *Loz diez livros de arquitectura*. Trad. José Ortiz y Sanz. Akal, Madrid, 1987.

Fontes secundárias

ALFONSO MARIA de Luguori (1835). *Méditations*; In *Ouevres Complètes*, vol. 3, Parrent-Desbarres Éditeur, Paris.

CONVERSO, Claudia (s/d). *Siracusa – città d'arte e istoria antica*. Kina Italia, Siracusa.

COUTINHO, Luciano (2010). *Arquitetura Mítica*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, 270p.

GRIMAL, Pierre (2005). *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*. Trad. Victor Jabouille, 5. ed. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro.

GOMES, Folch F. (1979). *Antologia dos Santos Padres*. Ed Paulinas, São Paulo.

KIDSON, Peter (2000). *Greece*; In *Great Architecture of the World*, (ed. NORWICH, John Julius). Da Capo Press, London.

KOSTOF, Sapiro (1996). *História de la arquitetura 1*. Trad. Maria Dolores Jiménez & Blanco Carrillo de Albornoz. Alianza, Madrid.

NIETZSCHE, Friedrich (2005). *Sobre o niilismo e o eterno retorno*. Nova Cultural, São Paulo.

LIDDELL, Henry George & SCOTT, Robert. *A Greek-English Lexicon*, on Perseus Digital Library.